

Os últimos serão os primeiros?

Uma visão sobre a formação e qualificação de mão de obra em projetos industriais.

Autores: Miguel Wergenski Castilho e Orlando Alfredo Patino

Em qual momento do ciclo de vida do projeto, deve-se ter o cuidado com a preparação das equipes, tanto operacionais quanto técnica para atender as demandas do projeto? Os autores Castilho e Patino (2015) propuseram em seu artigo, 5 caminhos a serem trilhados como forma de mitigar os riscos e incertezas, bem como os custos envolvidos com as mudanças não planejadas.

O Primeiro caminho proposto está na fase de definição do escopo e na aquisição dos pacotes tecnológicos do projeto. Segundo os autores não basta pensar exclusivamente na máquina de papel, no software empregado, no trocador de calor dimensionado, é necessário e útil considerar o conjunto destes frames. Sendo assim, cada bomba, cada treinamento, cada controlador, sensor deve ser pensado e determinado, uma vez que estes componentes poderão demandar treinamentos específicos ou manutenções/alterações necessários. Ainda, Castilho e Patino (2015) consideram que a não observação criteriosa desta trajetória poderá levar à necessidade de compra de várias horas adicionais de treinamento envolvendo altas somas, que dependendo da fase em que o projeto se encontra não se conseguirá aprovação deste novo gasto.

O segundo caminho é a identificação dos recursos humanos disponíveis para atender as demandas do projeto. Segundo os autores (CASTILHO e PATINO, 2015) reconhecer os recursos humanos disponíveis é ter propriedade para responder a seguinte pergunta: teremos que formar, qualificar ou ambos os processos de desenvolvimento técnico estarão presentes?

A localização do projeto, o mapeamento da empresa com indicadores do nível de escolaridade disponível e o acesso à instituições de formação técnica na região tem um impacto importante na definição da

estratégia para a preparação da mão de obra qualificada. Sendo assim os autores reforçam que o processo de formação e qualificação traz em seu bojo, também, um processo seletivo.

Já no Terceiro caminho a ser percorrido, os autores (CASTILHO e PATINO, 2015) destacam o planejamento. Planejar, não é mais do que visualizar cronologicamente cada um dos eventos mapeados e identificados no escopo do projeto. Ainda segundo Castilho e Patino (2015), todas as atividades listadas no cronograma deverão ter uma previsão orçamentária quando assim correspondida.

Castilho e Patino (2015) destacam no Quarto caminho, a definição e construção da estrutura física formal onde possam se realizar/executar as atividades de treinamento. Geralmente, estas estruturas se resumem a salas em áreas administrativas, munidas de carteiras, projetores, acesso à internet e rede local. Dependendo do tipo do treinamento a ser realizado, seja necessárias atividades *in loco*.

Os autores (CASTILHO e PATINO, 2015) destacam o conceito de BSC (Balanced Score Card) no Quinto caminho. Este conceito é conhecido pela frase: “Se não é medido, não é gerenciado”. Ou seja, neste caminho os autores destacam a necessidade da criação de indicadores para o acompanhamento das atividades de preparação da mão de obra.

Segundo Castilho e Patino (2015), trilhar estes caminhos fará com que a probabilidade de sucesso no processo de preparação da mão de obra, tanto na implantação de projetos, quanto em projetos de investimento seja alta, além de minimizar as dores de cabeça, normalmente, fruto da falta de planejamento e acompanhamento sistemático das atividades de treinamento.

Confira o artigo completo [clikando aqui](#)